

Narrativas Interseccionais de Mulheres Negras Amazônicas: Entre Conexões e Disparidades¹

Ana Karolini de Lima Pereira²
Carolina Chaves Cordeiro³
Pedro Henrique Brito Moura⁴
Jússia Carvalho da Silva Ventura⁵

Universidade Federal do Pará - UFPa

RESUMO

Este trabalho analisa as experiências de mulheres negras amazônicas a partir da perspectiva da interseccionalidade. A pesquisa parte das contribuições de Grada Kilomba e Flávia Ribeiro para compreender como raça, gênero, classe e regionalidade estruturam desigualdades específicas na Amazônia. Com abordagem qualitativa, foram realizadas entrevistas com seis mulheres negras do estado do Pará, visando explorar suas vivências e as múltiplas camadas de opressão que enfrentam. A análise revela que as experiências de exclusão, invisibilidade e resistência dessas mulheres apontam para a urgência de políticas públicas e narrativas que contemplem suas especificidades e saberes, desafiando lógicas coloniais e hegemônicas.

PALAVRAS-CHAVE: interseccionalidade; mulheres negras; Amazônia; decolonialidade; comunicação.

CORPO DO TEXTO

Ser mulher negra na Amazônia implica viver uma realidade marcada por camadas interseccionais de opressão que atravessam dimensões de gênero, raça, classe (Crenshaw) e regionalidade (Ribeiro, 2024). A proposta deste estudo é analisar como essas intersecções estruturam desigualdades e produzem exclusões nas vivências de mulheres

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Epistemologias Antirracistas e Afrodiaspóricas na Amazônia, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Discente do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (FACOM/UFPa), email: ana.lima.pereira@ilc.ufpa.br

³ Discente do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (FACOM/UFPa), email: carolina.chaves.cordeiro@gmail.com

⁴ Discente do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (FACOM/UFPa), email: phbritomoura@hotmail.com

⁵ Doutora em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará. Professora Substituta do curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará (FACOM/UFPa), email: jussiaventura@gmail.com

negras amazônidas, reconhecendo nelas também espaços de resistência e produção de conhecimento. Desta maneira, o trabalho parte das contribuições de Grada Kilomba (2019), especialmente sua crítica ao epistemicídio e ao silenciamento de vozes negras na construção do saber. Embora não utilize diretamente o termo interseccionalidade, Kilomba (2019) evidencia em suas análises como diferentes formas de opressão atuam de maneira combinada, desumanizando corpos negros e femininos. Ao lado dela, Sueli Carneiro (2013) reforça a necessidade de enegrecer o feminismo e denunciar o epistemicídio que exclui saberes negros da produção acadêmica e institucional.

A interseccionalidade, conceito formulado por Kimberlé Crenshaw (1989), fundamenta a análise ao oferecer um arcabouço teórico capaz de dar conta da sobreposição de desigualdades vividas pelas entrevistadas. Flávia Ribeiro (2024) amplia esse olhar ao incluir a regionalidade como um vetor fundamental de análise, evidenciando que a Amazônia, enquanto território simbólico e político, também opera como estrutura de opressão e silenciamento. Nesse contexto, os apontamentos de Zélia Amador de Deus (2011) são centrais, ao evidenciar que as mulheres negras amazônidas enfrentam uma marginalização dupla: enquanto negras e enquanto habitantes de uma região historicamente invisibilizada. Sua metáfora de Ananse — a aranha que tece narrativas — reforça a potência dessas mulheres como agentes que constroem, com seus fios, uma rede de resistência e memória coletiva.

A pesquisa aqui apresentada propõe uma análise das narrativas de mulheres negras amazônidas a partir do referencial teórico da interseccionalidade, com o objetivo de compreender como as estruturas de raça, gênero, classe e regionalidade operam de forma articulada na produção de desigualdades e na construção de resistências. A escolha por esse recorte temático decorre da urgência de visibilizar histórias, experiências e epistemologias frequentemente silenciadas nos discursos acadêmicos e nas políticas públicas voltadas à região Norte do Brasil.

O objeto de estudo concentra-se nas vivências de mulheres negras da Amazônia, mais especificamente do estado do Pará, cujas trajetórias revelam a sobreposição de opressões históricas e sociais. Com base nas teorias de Grada Kilomba (2019), Kimberlé Crenshaw, Sueli Carneiro, Zélia Amador de Deus e Flávia Ribeiro (2024), buscamos evidenciar como o racismo, o sexismo, a marginalização territorial e a desigualdade de classe se manifestam de modo interdependente na realidade dessas mulheres. A proposta é compreender não apenas as formas de exclusão que enfrentam, mas também os modos como produzem saberes, resistem e reconfiguram espaços de existência.

A questão-problema que orienta este trabalho é: de que forma as mulheres negras amazônidas vivenciam e elaboram as múltiplas interseções de opressão a partir de seus territórios, experiências e subjetividades? A partir dessa indagação, refletimos sobre o papel das narrativas na construção de uma memória social coletiva que desafia a invisibilidade e o apagamento promovidos por uma lógica colonial ainda persistente, pensada pela perspectiva interseccional (Collins; Bilge, 2021; Crenshaw, 1989; Carneiro, 2013; Amador de Deus, 2011).

Metodologicamente, a pesquisa inscreve-se no campo qualitativo e adota como instrumento principal entrevistas semiestruturadas realizadas com seis mulheres negras paraenses, residentes em diferentes contextos urbanos e rurais. O formato das entrevistas permite maior liberdade para que as participantes expressem suas percepções e experiências com profundidade, possibilitando a identificação de padrões e singularidades em suas trajetórias.

As entrevistas foram realizadas entre fevereiro e março de 2025, de forma presencial e remota. As mulheres entrevistadas para este estudo são negras, naturais do estado do Pará, com trajetórias marcadas por vivências distintas, mas atravessadas por experiências comuns de exclusão, resistência e pertencimento. São seis participantes: Elisa e Elvira, quilombolas, vivem em comunidades no interior do estado e enfrentam desafios históricos relacionados à terra, educação e visibilidade; Simone, também quilombola, atua como agente comunitária e articula saberes tradicionais com lutas por políticas públicas; Luiza, engenheira civil residente em Belém, é a única mulher negra em seu ambiente profissional, enfrentando cotidianamente o racismo estrutural e institucional; Fernanda, jornalista e pesquisadora, traz reflexões sobre os impactos subjetivos do racismo em sua formação e atuação profissional; e Liz, estudante de Direito, conecta sua trajetória à luta por justiça social e afirmação das identidades negras na universidade. Suas falas compõem um mosaico de vivências que expressam tanto as múltiplas opressões quanto as formas de luta e de produção de conhecimento forjadas no cotidiano amazônico.

A escuta atenta às narrativas das participantes se alinha à crítica ao epistemicídio, denunciado por Kilomba (2019), e propõe uma inversão no eixo de produção do conhecimento: em vez de falar sobre essas mulheres, o estudo busca construir, com elas, uma compreensão mais complexa e situada das opressões que enfrentam e das resistências que constroem. O compromisso com a linguagem e a forma original de expressão de cada

entrevistada reforça esse posicionamento ético e político, reconhecendo seus modos de dizer e existir como centrais na produção de saber.

A partir das entrevistas realizadas e da base teórica adotada, constatamos que a interseccionalidade é uma ferramenta indispensável para compreender a realidade de mulheres negras amazônidas. Suas vivências revelam que os marcadores de gênero, raça, classe e regionalidade não operam isoladamente, entretanto se entrelaçam para estruturar desigualdades que afetam seus corpos, subjetividades e trajetórias. As falas das entrevistadas refletem tanto os efeitos da exclusão quanto as formas de resistência cotidiana, em um processo que desvela a complexidade e a força dessas experiências.

A Amazônia, como território simbólico e político, é frequentemente estereotipada e marginalizada, o que aprofunda a invisibilidade das mulheres negras que nela vivem. Essa marginalização se manifesta na ausência de políticas públicas sensíveis às especificidades regionais e nos obstáculos enfrentados por essas mulheres nos espaços de poder, educação, trabalho e saúde. Reconhecer essas especificidades é o primeiro passo para construir uma comunicação mais justa e políticas transformadoras.

A linguagem, os saberes e os modos de vida das mulheres negras amazônidas carregam epistemologias que precisam ser valorizadas. Ao optar por preservar suas falas em sua forma original, o estudo reafirma o compromisso com uma produção de conhecimento que respeita as vozes subalternizadas. Essa escolha metodológica está alinhada ao pensamento de Grada Kilomba, que denuncia os mecanismos de silenciamento presentes na produção acadêmica e propõe novas formas de escuta e visibilidade.

Por fim, reafirmamos a importância de investir em estratégias de comunicação pública que reconheçam e amplifiquem as narrativas dessas mulheres. A partir de suas experiências e resistências, é possível repensar práticas sociais, políticas e acadêmicas, descolonizando o olhar e reconfigurando o que se entende por saber legítimo. As mulheres negras amazônidas não apenas enfrentam as desigualdades, mas também constroem, cotidianamente, novas possibilidades de existência e transformação social.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: RIOS, Flávia; CARRARA, Sérgio (org.). *Diálogos contemporâneos sobre raça e gênero*. Rio de Janeiro: UERJ, 2013. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf> Acesso em: 18 abr. 2025.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, n. 1, p. 139–167, 1989.

DEUS, Zélia Amador de. Corpo como marca identitária. In: SOUZA, Ana Célia da; NASCIMENTO, Eliane Gonçalves (org.). *Mulheres negras: experiências e perspectivas*. Belém: UFPA, 2011. Disponível em: https://fenomenologiadasolidariedade.files.wordpress.com/2013/11/1308245884_arquivo_corpocomomarcaidentitariaartigoversaofinal-zelia.pdf . Acesso em: 20 abr. 2025.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RIBEIRO, Flávia. *Comunicação, interseccionalidade e decolonialidade: escrevivências da Marcha Virtual das Mulheres Negras Amazônidas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.11192.